THE MAVERICKS

LIVRO 2

ACE & EMBER

TRADUÇÃO · Maria Inês Ramos

KATE CREW

Para todas as raparigas que querem ser adoradas, arrebatadas, amadas e temidas… exatamente por esta ordem, por um motoqueiro alto, tatuado e com um piercing *no lábio.*

Avisos de conteúdo

Este livro destina-se a leitores adultos (maiores de 18 anos). Contém referências a morte de pais, incêndios domésticos com menção a mortes, violência com facas, tortura (cenas descritivas), *primal play*[1], menção a tortura com a língua, perseguição e violência em geral.

[1] *Primal play* refere-se a uma dinâmica erótica assente em comportamentos instintivos, como perseguição, captura ou interação de predador e presa. (*N. de T.*)

Capítulo 1

EVIE

Tinha zero vontade de estar aqui.

O que era irónico, tendo em conta que o Hellfire era tal e qual o meu tipo de lugar: um bar barulhento, abafado e repleto de decisões imprudentes à espera de serem tomadas. Numa situação normal, eu era só mais uma entre eles.

Numa situação normal, deixaria o baixo reverberar e penetrar-me nos ossos, mandava abaixo um *shot* e continuaria a fingir que a minha vida não é um comboio de más decisões, tomadas umas atrás das outras e embrulhadas em sarcasmo, que já descarrilou há muito.

Mas esta noite? Tudo parecia irritar-me.

As luzes de néon piscavam com demasiada intensidade, a música pulsava como um mosquito irritante no meu crânio e cada gargalhada bêbeda ao meu redor parecia uma lixa a desgastar os meus nervos. Até a minha bebida estava diferente, era apenas água, fria e insípida, recordando-me da fraude que eu era entre os verdadeiros desequilibrados.

Encostei-me ao balcão pegajoso, forçando-me a esboçar um sorriso enquanto bebia a minha água. As pessoas gargalhavam e berravam, esbarravam contra mim, bebendo *shots* como se não tivessem fígados. Eu devia ser uma delas. Evie Emberson, a extrovertida, a louca. Aquela que nunca se importava com as consequências.

Ao meu lado, o meu namorado, ou o que quer que ele estivesse prestes a ser, aproximou-se.

– Estás muito calada esta noite. – A sua voz cortou a música, quente e próxima o suficiente para enviar o seu hálito com cheiro a tequila direitinho ao meu ouvido. – Começo a sentir que estou aqui com outra rapariga.

Forcei um sorriso sarcástico.

– Desculpa desapontar. Talvez devesses ligar à tua ex? Acho que ela finge melhor do que eu.

Ele encolheu os ombros, com um sorriso irónico, como se tivesse uma resposta vencedora.

– Não há necessidade de a meteres ao barulho. Pelo menos ela sabia como se divertir.

Em qualquer outra noite, podia ter-me deixado afetar pelo seu comentário.

Mas hoje não.

Dei um longo gole na minha bebida, no entanto, a água fria não ajudou a acalmar a inquietação que me consumia. Talvez estivesse apenas cansada. Talvez não estivesse a fingir tão bem quanto pensava estar. O meu olhar desviou-se dele e fixou-se nas mesas de bilhar no canto mais distante.

Ou talvez eu já estivesse demasiado distraída.

Todo ele emanava uma frequência de perigo cortante e ameaça silenciosa; um metro e noventa e cinco de músculos esculpidos e ombros largos capazes de preencher a ombreira de uma porta. Tatuagens subiam-lhe pelos braços em padrões deliberados, cada linha planeada, como uma história escrita na sua pele. O seu cabelo loiro-escuro roçava-lhe a têmpora sempre que se inclinava para a frente.

Um sarilho, um lindo e imprudente sarilho. O Aiden.

Ele deu uma tacada e levantou-se, esticando-se até se elevar acima da multidão à sua volta, com o taco numa mão e a outra enfiada no bolso. Observando. Os seus olhos azuis examinaram a sala, perspicazes e predatórios, antes de se fixarem nos meus.

Odiava a forma como ele me observava, como se se importasse comigo. Como se quisesse saber de mim, quando eu sabia que ele não queria. Pelo menos, não da forma que eu desejava.

O Aiden era o melhor amigo do meu irmão. Era proibido. Intocável.

Aquele que eu não podia ter, facto que só me fazia querê-lo ainda mais.

Voltei a minha atenção para o meu namorado, a sua voz misturando-se com o barulho, dizendo algo sobre *fantasy football*[2]. Não me importava que o homem tivesse um passatempo. Construir uma casinha de pássaros, colecionar selos, jogar jogos medievais, tudo bem. Mas obrigar-me a memorizar as regras do maldito *fantasy football*? Aí era onde eu traçava o limite. Eu tinha os meus próprios *hobbies*, não precisava de juntar os dele à minha lista.

---

[2] É um jogo *online* muito popular em países anglo-saxónicos no qual os participantes criam equipas virtuais compostas por jogadores reais. O desempenho desses jogadores nas competições verdadeiras traduz-se em pontos, que determinam a classificação dos participantes nas respetivas ligas entre amigos ou outros jogadores. (*N. de T.*)

O meu olhar retornou ao Aiden. Apenas por um segundo. Por entre a multidão, tive um vislumbre dele inclinado, com uma miúda a rir ao seu lado. Eles estavam a jogar *snooker* há mais de uma hora, e ele ainda não tinha saído de ao pé dela. Ela lançou o cabelo para trás e ele esboçou-me um sorriso. O tipo de sorriso que não tinha o direito de estar no seu rosto enquanto ele estava acompanhado por outra pessoa.

Senti um calor percorrer-me a pele.

– Evie – exigiu o meu namorado, pousando a sua bebida. – Estás a ouvir-me?

Suspirei, inclinando a cabeça.

– Não? Já te disse, não quero saber disso para nada.

Ele revirou os olhos, o que me irritou ainda mais.

– Percebes como isso é rude? Devias importar-te com os *hobbies* do teu namorado. Eu importo-me com os teus.

– Primeiro – fiz uma pausa, tomando outro gole da minha água –, tu estás-te nas tintas para os meus *hobbies*. Lembras-te da última vez que te mostrei o meu computador e tu não paravas de olhar para o teu telemóvel? Ou quando decorei o cabo daquela faca com brilhantes? Tu não podias estar menos interessado. Segundo, há uma diferença entre respeitar os teus *hobbies* e ser forçada a participar.

– Ah, então se for eu a fazê-lo é um problema, mas quando o Aiden te obriga a andares na sua maldita mota, está tudo bem?

– Andar à pendura numa mota não é um passatempo. E se o Aiden ousa tagarelar sobre as intermináveis melhorias que fez na mota, eu mando-o logo calar a boca. Talvez até usando aquela faca decorada.

– Certo. Tenho a certeza de que essa não é a única coisa que fazes com a boca dele.

O meu estômago deu um nó, a raiva invadiu-me, traçando caminho por cada nervo.

– Para com isso – avisei, sem vontade de virar a conversa para o Aiden, mas o meu olhar traiu-me. Os meus olhos voltaram a ele com outra onda de calor.

– Estás outra vez a fitá-lo.

Voltei a encará-lo, pestanejando.

– O quê?

– Para o Aiden – ele cuspiu. – Estás sempre a olhar para ele. A procurá-lo na multidão. É como se não conseguisses evitar.

Eu ri-me de forma brusca e sem humor.

– Talvez seja porque ele não está a tagarelar sobre coisas que não me interessam.

O seu olhar intensificou-se, os seus lábios achataram-se numa linha dura.

– Estás obcecada por ele.

Abri a boca para o negar, mas voltei a fechá-la de imediato. No fundo, eu sabia que ele tinha uma certa razão, porém, não ia deixar que ele pensasse que sim.

– E tu estás obcecado com a tua equipa imaginária de futebol – respondi. – Diria que estamos quites.

O meu coração afundou ao ver a sua expressão, mas não demonstrei o meu medo repentino.

Aquela foi a coisa errada a dizer.

Ele nunca havia sido cruel comigo, mas eu sabia que ele tinha um temperamento forte.

O seu maxilar apertou-se e a sua mão estendeu-se, agarrando o meu braço com mais força do que o necessário.

– Achas que tens piada, é?

– Não – disse eu, com a voz cheia de rancor. – Mas acho que és patético. Sabes bem que entre mim e o Aiden não pode acontecer nada.

– Eu, patético? No entanto, não podes negar que és obcecada por ele. Não *pode* acontecer nada? Estás a ouvir o que estás a dizer?

Os seus olhos brilharam de raiva e, por um segundo, pensei que ele fosse dizer algo que valesse mesmo a pena. Em vez disso, inclinou-se para a frente, a sua voz baixando para um tom grave e agudo.

– Sabes que mais? Estou cansado. Tu nem sequer vales o esforço. Ages como uma rapariga extrovertida e despreocupada, mas na verdade és louca. E não no bom sentido.

Eu sabia que às vezes exagerava nos meus comportamentos, mas também sabia que era a maneira mais rápida de afastar alguém da minha vida quando essa pessoa já tinha ficado mais tempo do que era bem-vinda.

Levantei-me, com o estômago embrulhado perante a rejeição. Como se pudesse ouvir os meus pensamentos, o Aiden olhou para nós, exibindo um sorriso sarcástico no rosto que não ajudava a acalmar a minha raiva.

Levantei a minha bebida quase intocada, ainda na minha mão, inclinando o copo até que a mistura de *shots* que ele julgava que eu estava a beber se vertesse sobre ele. O tom vermelho no seu rosto intensificou-se, os seus dedos apertaram-me o braço com força.

– Sua vaca.

– Acho que *vaca louca* seria mais correto, de acordo com o teu discurso anterior.

Soltei o meu braço o suficiente para alcançar a minha pequena mala, tirei um isqueiro e tentei acendê-lo. Odiava o que estava a acontecer. Odiava ser eu quem estava no meio de um bar a ser rejeitada por um falhado como este e, pior ainda, odiava que o Aiden estivesse a assistir a tudo. Ouvia a pedra do isqueiro a girar, mas não conseguia ver a chama a acender.

Um movimento rápido despertou a minha atenção, seguido por um grunhido agudo.

O braço do Aiden enfiou-se entre nós, com o seu cotovelo a perfazer um movimento circular para cima e para trás. O meu ex tropeçou, enxugando o sangue que lhe escorria do nariz.

– Que merda julgas que estás a fazer? – A voz do Aiden era aguda e fria.

O meu ex riu-se, com os seus lábios curvando-se de uma forma cruel.

– A acabar com esta cabra. Curiosamente, fi-lo porque ela é obcecada por ti. E tu por ela.

A mão do Aiden estendeu-se, agarrando-me no pulso com força suficiente para deixar claro o que queria dizer.

– Estou obcecado em não deixar que ela te incendeie, seu idiota.

Os seus olhos voltaram-se para os meus dedos, nos quais eu ainda apertava o isqueiro.

– Achaste mesmo que ias começar este bate-boca e que ela ficaria educadamente à espera que tu terminasses?

O meu ex olhou para mim, de olhos arregalados.

– Ele está a falar a sério?

Eu sorri com um encolher de ombros.

– Sorte a tua que o isqueiro não está a funcionar, não é?

– És louca – bradou ele, com o rosto contorcido, vermelho e furioso.

– E tu és aborrecido. – Aproximei-me, baixando a voz. – Então estamos quites.

Ele abanou a cabeça, limpando o suposto álcool que lhe escorria pelos braços.

– Nunca tomei uma decisão tão acertada em toda a minha vida. Acabou, Evie.

– Certo. – Sorri eu, toda amorosa. – Não me ligues amanhã quando te arrependeres.

Os seus olhos brilharam e ele rosnou, como se estivesse prestes a dizer algo terrível, mas olhar para o Aiden, ao meu lado, calou-o.

Eu nem tive tempo de voltar a tentar incendiá-lo antes que ele irrompesse bar afora, furioso.

Devia ter-me sentido aliviada. Contudo, em vez disso, algo amargo subiu-me pela garganta.

O Aiden virou-se para mim, de maxilar cerrado. O brilho das luzes de néon projetava sombras sobre o seu rosto, fazendo-o parecer letal enquanto fervia de raiva.

– Em que diabos estavas a pensar?

Levantei o queixo.

– Que ele o merecia? E para que conste, eu não ia queimá-lo vivo… quase de certeza.

– Quase? – O Aiden repetiu, a sua voz incrédula. – Porra, Evie. Tens *algum* instinto de autopreservação?

– Na verdade, não.

Ele passou a mão pelo cabelo, abanando a cabeça.

– Vamos embora.

Vou levar-te a casa.

– Não, não vais – anunciei eu, plantando os pés no chão. – Estou bem aqui. Volta lá para o teu joguinho fofo.

– Não, não estás. – A voz dele era firme. – Tentaste incendiar uma pessoa.

– Ele merecia.

– Talvez merecesse – continuou o Aiden, com um tom de voz mais sombrio. – Mas não vais ficar aqui.

Antes que eu pudesse discutir, a rapariga com quem o Aiden estava a jogar *snooker* aproximou-se, o seu olhar oscilando entre nós.

– Aiden – chamou ela, com uma voz suave. – Voltas?

– Não. – Não houve qualquer hesitação na sua voz. – Quero dizer, não sei. Tenho de ir levar a Evie a casa.

As palavras provocaram-me uma estranha onda de satisfação, mas eu reprimi-a. Recusava-me a ler demasiado nas entrelinhas. Hoje não.

– Talvez devesses ficar aqui com a tua namorada e meter-te na tua vida – cuspi, afastando-me do bar para ir embora. Precisava de sair daquele espaço sufocante. Precisava de ficar sozinha, onde a minha vergonha por ter sido abandonada em frente de centenas de pessoas não magoasse tanto.

Cheguei à fila de motas antes que o Aiden me pudesse alcançar.

– Não me meto na minha vida quando o teu acompanhante te está a agredir – respondeu ele, aproximando-se de mim.

– Não preciso de uma ama-seca nem de um guarda-costas. Sei cuidar de mim.

– Pois. Estavas a fazer um ótimo trabalho. Porque é que estás zangada comigo quando foi ele que te magoou?

Eu virei-me, os meus punhos cerrados ao lado do corpo. Odiava quando o Aiden fazia sentido. Eu não estava zangada por ele ter vindo ajudar-me. Eu apreciava a sua atitude. No entanto, ele não me resgatou porque se importava, ele fê-lo porque o Rook iria ficar irritado se ele não o fizesse.

Havia tantas coisas que eu amava no Aiden, mas a sua lealdade ao meu irmão nem sempre era uma delas.

– Porque não preciso que tu ou o meu irmão me tratem como se eu fosse um ser indefeso. Talvez me sentisse um pouco vulnerável quando era mais nova, mas agora estou bem. Consigo lidar com um idiota que terminou comigo.

– A sério que ele terminou contigo?

– Sim, por tua causa, ao que parece.

– Por minha causa? Mas que diabos fiz eu?

– Existir? Estar constantemente ao meu lado? Ser o braço-direito do meu irmão e seguir-me para todo o lado?

– O Rook quer que fiques em segurança, por isso, eu ajudo a manter-te em segurança. Não é como se estivesse a perseguir-te.

Perseguir-me seria melhor do que isto.

Pelo menos assim ele estaria apenas obcecado por mim.

– Claro, *Ace*. Continua a fazer tudo o que o meu irmão manda.

– Desculpa? – indignou-se ele, curvando os lábios. – Ace? Quem diabos é o Ace?

– És tu, o meu irmão pode sempre contar contigo, não é verdade? O senhor subcomandante, sempre com medo de fazer qualquer coisa que possa ameaçar a sua posição.

– E isso é mau?

– Para mim? Sim, é.

A rapariga da mesa de bilhar voltou a aparecer, chamando pelo Aiden. Ele deu um passo em direção a ela, fazendo o meu estômago revirar.

Odiei o quanto eu queria que ele ficasse comigo.

– Eu disse que tenho de ir levar a Evie a casa – anunciou ele, com um tom ligeiramente irritado que me fez sorrir.

Porém, não foi o suficiente para acalmar a raiva que tomava conta do meu peito.

– Oh, não te preocupes comigo – disse eu, lançando o cabelo para trás, com um tom tão falso que sabia que ele iria perceber. – Prefiro ir para casa de saltos altos até que os meus dedos dos pés sangrem a aceitar uma boleia tua esta noite.

– Não sejas infantil. Não vais daqui a pé para casa sozinha à uma da manhã.

– Infantil? Estás a falar a sério? O meu namorado terminou comigo por tua causa, e o que é que te acontece a ti? Vais para a cama com ela e terás uma noite fabulosa. Tu é que és infantil. Deixa-me em paz, Aiden.

O Aiden cerrou os dentes.

– Achas mesmo que me importo mais em voltar para dentro do que em levar-te a casa em segurança?

Olhei bem para ele, olhei mesmo, e, por um segundo, parecia um daqueles momentos cinematográficos. Se isto fosse um dos meus filmes românticos favoritos, seria o momento em que o rapaz finalmente percebe tudo, agarra a rapariga e beija-a como se o mundo estivesse a acabar.

No entanto, *spoiler alert* para mim, este não era um desses momentos à filme.

A minha vida não era uma dessas comédias românticas fofas que eu adoro ver em segredo, nas quais acontecem coisas destas. A minha vida era um drama, um drama cheio de horror, com motos velozes e tortura, e homens tão leais aos seus amigos que ficavam cegos para tudo o resto.

Aquele momento em que o Aiden se apercebe de que eu sou o amor da vida dele nunca aconteceria. O mais provável era ele aperceber-se de que já não aguentava nem mais um segundo comigo, e decidir partir sozinho rumo ao pôr do sol.

Porque já não importava o que eu fizesse para o seduzir, a lealdade dele ao meu irmão estaria sempre em primeiro lugar, e essa era a única razão pela qual ele estava ali, preocupado em que eu chegasse bem a casa.

Odiava o facto de eu me importar. Odiava o facto de querer que *ele* se importasse.

Uma ideia imprudente surgiu na minha mente. Uma ideia estúpida, perigosa, típica da Evie.

Levantei o calcanhar, pressionei-o contra a mota mais próxima e empurrei-a.

A primeira mota tombou e caiu sobre a seguinte. Depois sobre a seguinte, com um estrondo ensurdecedor.

O Aiden virou a cabeça na minha direção.

– Evie! Que diabos! Para!

Lancei-lhe um sorriso satisfeito.

– Aiden! Cuidado com o que estás a fazer! Meu Deus, o que é que fizeste?

Uma série de suspiros altos ressoou à nossa volta quando todos os presentes se viraram para olhar para nós, começando já a ouvir-se os seus berros a ecoar pela noite.

O rosto do Aiden contorceu-se, algo entre pura frustração e ódio. O seu maxilar cerrou-se, mas eu percebi um lampejo de diversão antes que ele o pudesse esconder.

Pelo menos o nosso filme de terror não era aborrecido.

Esperei tempo suficiente para o ver agarrar na primeira das motas caídas antes de me misturar com a multidão.

Deixei-o lidar com as consequências.

Afastei-me, com o pulso a estabilizar a cada passo que me levava para longe do caos.

Porém, senti o seu olhar sobre mim, quente, pesado e impossível de ignorar. Eu podia correr. Eu podia esconder-me. Eu podia jurar que não me importava.

Mas tudo isso era indiferente.

Porque o Aiden estaria sempre lá. E a pior parte? Eu queria que ele estivesse.

Capítulo 2

AIDEN

Regra n.º 1: Não te distraias enquanto conduzes a alta velocidade.

Havia dias em que a Evie era a melhor coisa da minha vida.

Noutros, ela era o meu pesadelo ambulante, uma força da natureza destinada a arruinar-me.

Não sei que tipo de merda horrível fiz nas minhas vidas passadas para merecer a ira da Evie, mas devo ter sido um tipo de idiota tramado, porque isto era o Inferno na Terra.

Depois de quarenta e cinco minutos a lidar com motoqueiros rabugentos, tinha chegado ao meu limite, estava exausto. A rapariga à minha espera lá dentro? Há muito que já se tinha ido embora. Não que isso importasse, ela era apenas alguém para me distrair, em vez de ficar a noite inteira a observar a Evie.

A Evie, alta e impossível de ignorar, longos cabelos loiros refletindo a luz, aqueles olhos azuis-escuros brilhando com algo selvagem. Bonita, astuta, selvática o suficiente para ganhar o nome de psicopata, e fazer-lhe justiça.

Precisava de algo para tirar os meus olhos e a minha mente dela.

Na verdade, a única coisa com que me importava agora era chegar a casa, berrar com a Evie e, por fim, dormir um pouco.

Depois de trabalhar quarenta e oito horas seguidas, tudo o que eu queria era uma noite despreocupada, mas a Evie não estava disposta a deixar isso acontecer.

Estacionei na garagem e entrei, mantendo o meu ritmo cardíaco sob controlo. A raiva fervilhava no meu interior, mas eu não iria permitir que me dominasse. Hoje não. Ela estava no quarto, onde se refugiava sempre que o caos a atingia. Era raro a Evie sentir vergonha, mas até ela precisava de se recolher depois de ser largada em frente a um bar cheio de gente. Por norma, era ela quem tomava a decisão de terminar, acabando as relações quando lhe